

FREI VICENTE DO SALVADOR

Raul de Andrada e Silva

Reitero o que disse, ao ingressar nesta Academia: a não ser algumas impressões pessoais, nada mais resta a dizer, a propósito da **História do Brasil**, de Frei Vicente do Salvador, depois da monumental edição crítica de Capistrano de Abreu, que continua sendo o mais alto modelo do gênero, em nossa historiografia; e depois da edição comemorativa do Grande Jubileu—75 anos—da Companhia Melhoramentos, e, coincidentemente, do IV centenário do nascimento do Autor, ou seja, a 5ª edição dessa obra, em 1965; edição enriquecida com as valiosas notas do sábio comentador, Frei Venâncio Willeke, OFM, que, entre outras contribuições originais, assinalou os trechos da “Crônica da Custódia do Brasil”, que Frei Vicente transcreveu na sua História.

A primeira edição é a de 1889, vol. XIII dos Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, precedida de uma parcial, a de 1887, já anotada por Capistrano de Abreu que, em 1918, lançou a 2ª edição integral, edição crítica, opulentada com a Nota Preliminar e os magistrais “Prolegômenos” do erudito historiador cearense. Embora não pretendesse “foros de heurística”, esses “meros apontamentos biográficos ou bibliográficos”, no desprezioso dizer do próprio Capistrano, na verdade constituem o mais rigoroso e seguro exame crítico do texto e do suporte documental, utilizado por Fr. Vicente. Suas fontes, quase puramente bibliográficas, são as obras básicas existentes no tempo em que ele escreveu, a começar pelos velhos cronistas portugueses da época dos descobrimentos. Mas, a falta de maior base arquivai foi compensada, de algum modo, pelo largo uso de comunicações particulares e tradições locais, donde, lembra Capistrano, o tom por vezes popular da narrativa. Na época e nas condições em que compôs a sua História, não podia mesmo Fr. Vicente ter consultado as fontes manuscritas, mas, o que lhe falta em documentos arquivais, sobra-lhe em veracidade, ao retratar o meio físico e humano do Brasil dos dois primeiros séculos.

Realmente, nas páginas desse Avô da Historiografia Brasileira pulsam as vibrações do passado, que o interessado autor auscultou, bem como da realidade social que o cercava e de que deixou precioso testemunho. Pois que Fr.

Vicente historiou o passado e, simultaneamente, viu e viveu a história do seu tempo, que fixou por escrito.

Daí que o seu livro tenha o sabor de crônica, no melhor estilo cronístico, sem que haja ficado no mero relato episódico. Foi ele cronista e historiador, pois que buscou ao mesmo tempo e à sua maneira a explicação dos fatos, e enxergou o caráter social da história.

Não admira, pois, que o tenham em tão alta conta os nossos maiores historiógrafos, a começar por Varnhagen e Capistrano de Abreu, bem como os mestres da nossa história literária, a partir dos prógonos, José Veríssimo e Sílvio Romero.

Fr. Vicente foi, em vida, um autor sem leitores, uma vez que a sua História do Brasil só veio a ser publicada quase três séculos depois de escrita. Mas, de então em diante, quanta luz esse livro desprezioso lançou para a compreensão sociológica, antropológica, psicológica e ecológica do Brasil antigo, ao lado da variada informação histórica sobre a terra, as águas, as plantas, os animais, as potencialidades econômicas, os primitivos habitantes e os acontecimentos do nosso passado. Livro que foi além da narrativa pitoresca, para alcançar a permanência ao longo do tempo.

Nesse texto seiscentista, não falta o mundo natural e o gentio, a exemplo da obra dos cronistas que o antecederam. Ele, porém, começa a fazer a história geral do Brasil e a transpor as fronteiras da crônica, não se limitando a desfiar os fatos da história política, administrativa, militar, desde o descobrimento do Brasil até os governos gerais. Já se abalança a interpretar e, muitas vezes, com toda a propriedade, pouco importando que o faça mais intuitiva que cientificamente. E o que falta em rigor científico, é largamente contrapesado pela carga de sensibilidade, sem a qual o historiador não pode captar, em toda a profundidade, o sentido histórico das coisas e dos homens. Ao lado dos cronistas do século XVI, as páginas de Fr. Vicente traduzem o deslumbramento, comum a todos eles, ante o espetáculo do Novo Mundo, uma “visão do paraíso”, já estampada na carta de Caminha.

Com esse conteúdo e nos estilo em que foram vazadas tais obras, compreende-se o critério de incluir os cronistas portugueses do Brasil quinhentista na fase inaugural de nossas letras; critério mais do que aceitável também no que toca a Fr. Vicente que é, cronologicamente, o primeiro histo-

riador e o primeiro prosador, nascido no Brasil. Já notara sagazmente José Veríssimo que se “houvéramos nós brasileiros de fazer a lista dos nossos clássicos, isto é, daqueles escritores que, sobre bem escreverem a sua língua, melhor nos representassem o sentimento, o entendimento e a vontade que faz de nós uma nação, o primeiro dessa lista seria, por todos os títulos, Fr. Vicente do Salvador com a sua História do Brasil”.

Esse historiador ameno é um exemplo de estilo correntio e limpo, despido de inúteis sobre cargas ornamentais e que se impõe somente pela vivacidade e a graça natural. Sua maneira aberta e livre de escrever foi posta a serviço da arte do narrador, que também havia em Fr. Vicente, dotado de agudo senso do dramático e do heróico; e, por isso, ele nos traçou, igualmente, um retrato vivo do Brasil do seu tempo, retrato acaso incompleto e sem retoques, pondo em ação a humanidade que aqui vivia, com toda a sua gama de variações étnicas: o branco, o negro, o índio e os mestiços de múltiplos matizes.

Já notara Capistrano a presença de elementos místicos, na História de Fr. Vicente. Na sua época, o humanismo renascente mesclava-se com as sobrevivências da cultura medieval e do classicismo greco-romano, impregnadas de lendas e credices, em coexistência com a crença cristã. Entrelaçamento de culturas que se reflete na criação literária e do qual o exemplo máximo em Portugal são **Os Lusíadas**. Pois bem, a mesma projeção se constata na História de Fr. Vicente, malgrado as contradições entre História e Mito, entre o irrealismo deste e a objetividade daquela. Recolhendo alguns mitos, o historiador se mantinha fiel ao seu tempo e ao meio social em que vivia. Um exemplo: o mito “dos homens marinhos, que já foram vistos sair fora d’água após os índios, e nela não morto alguns que andavam pescando”. Não menos célebre e difundido era o mito de Sumé, que os missionários tomaram por São Tomé, vindo à Bahia para ensinar coisas úteis aos índios e evangelizá-los; estes o quiseram matar e só não o surpreenderam na praia, porque o santo se passou de uma passada à ilha da Maré. E conclui a narrativa: “Devia de ser indo para a Índia que quem tais passadas dava, bem podia correr todas essas terras, e quem as havia de correr convinha que desse tais passadas”.

Por outro lado, o texto de Fr. Vicente denota, às vezes, um sentido providencialista da história, em passos nos quais se confundem o plano temporal e o espiritual; e os homens parecem agir impelidos por uma força

superior. Assim, num combate entre índios e portugueses, em S. Vicente: "... a Divina Providência se acostou à parte mais justificada", observa o nosso Autor. E, em vários outros episódios, sempre a favor dos portugueses, interfere o sobrenatural cristão, às vezes associado ao mito ou à lenda.

Embora exalte os feitos da conquista lusitana, não se eximiu Fr. Vicente, com exemplar franqueza, de julgar severamente a conduta errada dos portugueses, quando assim o entendia. Incredulando de maus colonizadores aos portugueses, atribuiu à negligência deles o desconhecimento do sertão, até princípios do século XVII e opinou que "sendo grandes conquistadores de terras, não se aproveitam delas, mas contentam-se de as andar arranhando ao longo do mar, como caranguejos". Com a mesma isenção e imparcialidade criticou o clero, por ocasião da invasão holandesa na Bahia, ao constatar o pânico na cidade e a fuga dos moradores, rematando:

"... o mesmo fizeram clérigos e frades e seculares que só trataram de livrar as pessoas... Tanto pôde o receio de perder a vida e enfim se perde tarde ou cedo, e às vezes em ocasião de menos honra".

Cabe agora uma referência, ainda que breve, a propósito da visão do social, na obra de Fr. Vicente. Relembre-se, por exemplo, a observação certa do historiador, quando nota e comenta a inquietação, a instabilidade do povoador português do primeiro século da conquista, povoador que dificilmente se radicava na terra, querendo voltar rico para Portugal. Outros muitos passos do texto vicentino ilustram o agudo senso de observação do historiador, voltado para diversas manifestações da vida coletiva, por exemplo, o peso do preconceito de cor numa sociedade, como a do seu tempo, estruturada em castas e estamentos.

Finalmente, um breve comentário em torno da informação histórica geral, que a História de Fr. Vicente proporciona. Informação haurida sobretudo nas fontes impressas que Capistrano cuidadosamente arrolou e judiciosamente analisou nos seus Prolegômenos, e que largamente utilizaram os historiadores que sucederam a Fr. Vicente. A partir da história dos Governadores Gerais, às mencionadas fontes acrescentou-se o testemunho dos depoimentos pessoais que lhe foram prestados, bem como o conhecimento direto dos fatos, pois em boa parte Fr. Vicente participa da história que narrou.

Ao longo da obra, há conhecidos equívocos, por exemplo, no Livro I, a versão de que o descobrimento do Brasil fora obra do acaso, nisto seguindo João de Barros; outro equívoco: a data do descobrimento a 3 de maio,

em vez de 22 de abril; é que, naquele tempo, a carta de Pero Vaz de Caminha jazia esquecida na Torre do Tombo.

Cumpre, todavia, não amesquinhar o valor da História de Fr. Vicente pelos enganos que encerra e que hoje estão corrigidos pela crítica histórica e pelas modernas investigações, devendo-se ao contrário apreciá-la pelo que representa, como repositório de informações corretas e, acima de tudo, como testemunho vivo a respeito do Brasil do primeiro quartel do século XVII.

Tal como permanece e a despeito dos avanços da nossa historiografia, a obra do historiador franciscano conquistou lugar definitivo, na alta categoria das fontes obrigatórias sobre o antigo Brasil.

*

OLIVEIRA LIMA

Arrisson de Souza Ferraz

Deixou Manoel de Oliveira Lima obra alentada e multifária, fruto de atividades incessantes, como escritor e cultor das letras históricas. Descendente de nobres estirpes, nasceu em Recife, a 25 de dezembro de 1867. Na Capital Pernambucana, estudou as primeiras letras, fez as humanidades e iniciou o curso jurídico, concluído na formosa e faustosa Coimbra, edificada às margens do Mondego, no velho Portugal de nossos avoengos.

Terminados os estudos, aceitou convite para integrar a representação diplomática brasileira, na terra lusa, como Secretário de Legação. Investiu-se nas funções em 1890. Daí por diante, bateu por toda parte. De Lisboa a Berlim; de Berlim a Washington; de Washington a Londres; de Londres a Tóquio. Em 1904, segue como Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário para Caracas, onde o aguardava um problema de alta relevância. Resolveu-o com sabedoria, firmeza e responsabilidade, ao firmar, no ano seguinte, com a Chancelaria Venezuelana, dois protocolos, estabelecendo, com rigorosa observância dos interesses nacionais, nova demarcação de limites com a terra de Simão Bolívar. Anos mais tarde, é designado para a Bélgica, onde encerra a carreira diplomática com a aposentadoria.